



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração de unidades habitacionais dos blocos 11 a 23 do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Urbanização de Assentamentos Precários no Ribeirão Arrudas

Contagem-MG, 08 de setembro de 2010

Eu, primeiro... Depois eu pego aí, querido, depois eu pego.

Eu quero cumprimentar todos os companheiros ministros que estão aqui, os prefeitos, o representante do governo do estado de Minas Gerais, o secretário Fleury,

Quero cumprimentar o prefeito Marcio, de Belo Horizonte,
A nossa prefeita Marília, de Contagem.

Mas eu queria, sobretudo, cumprimentar a companheira Maria Fernanda, da Caixa Econômica Federal, e a companheira Antônia de Pádua, da Central de Movimentos Populares, por intermédio de quem eu cumprimento todos os demais companheiros que estão ali, representando todos os movimentos populares.

E cumprimentar a nossa querida Nildeia, que simbolizou as pessoas que receberam as casas.

Vamos só lembrar aqui, Marcio, vamos só lembrar aqui: Você ainda não era prefeito, a Marília já era, era o Pimentel que era prefeito, e nós viemos aqui no dia 17 de abril de 2008. Nós participamos da assinatura da ordem de serviço para as obras da revitalização do Ribeirão Arrudas. A cerimônia foi realizada na Vila São José, em Belo Horizonte. Eu estou falando do dia 17 de outubro [abril] de 2008. Portanto, vai fazer quase dois anos que nós demos início a essa obra de revitalização do Ribeirão Arrudas, que tem, dentre esse processo, a construção de 900 casas aqui, na região.



Mas o que é importante não são apenas as casas. As casas, elas são sagradas, elas são sagradas. Mas o que é importante é a gente tirar as pessoas de viverem em locais que podem dar enchente ou em local de risco.

A desgraça, Marcio, Marília e Maria Fernanda, de quem mora em um lugar que dá enchente... Se fosse só a água limpa que passasse, a gente dava um jeito. O problema é a quantidade de lama, de sujeira e de doença que fica depois que a água seca. É uma coisa indescritível e somente quem já passou por isso sabe o que é a vida de uma pessoa que mora em um lugar que dá enchente.

Eu, a vida inteira, a vida inteira... Eu não esqueço nunca. Rua Auriverde, 1156, 1956 eu morava nessa rua, nessa casa, que ainda hoje tem o número 1156, na Vila Carioca, em São Paulo, e dava enchente. Então, eu estou falando para vocês que, já em 1956, quando a maioria de vocês não tinha nem nascido, este que vos fala já morava em uma rua que dava enchente, lá em São Paulo.

Depois, em 1964 – também muitos de vocês não tinham nascido ainda – , eu saí desse bairro em São Paulo e fui para um outro bairro em São Paulo, bem longe, fui morar em uma casa novinha, com cheiro de tinta, telha nova. Isso era mais ou menos junho de [19]64. Eu falei: “Estou livre de enchente”. Em dezembro, deu a primeira enchente, um metro e meio de água dentro da casa nova, que ainda tinha cheiro de tinta, e, só naquele ano, nós pegamos três enchentes.

Aí, eu resolvi mudar, mudei para uma outra cidade vizinha, chamada São Caetano, Vila São José, rua Padre Mororó. Eu estou falando de 1968, onde nenhum de vocês também tinha nascido. Padre Mororó nunca tinha dado enchente na vida. Primeiro ano que eu morei lá, 1,4 metro de água dentro de casa. Aí eu falei: “Desgraçou a minha vida”.

O dado concreto, gente, o dado concreto é: o que aconteceu comigo acontece com muita gente pobre neste país, acontece com muita gente que,



muitas vezes, por falta de moradia, por falta de dinheiro para comprar terreno, as pessoas vão morando nos lugares mais arriscados, às vezes na beira de córrego, às vezes na encosta de morro, e as pessoas vão morando. Quando é uma pessoa, duas pessoas, é fácil tirar, mas, quando tem mil pessoas, duas mil pessoas, vira um problema social que é difícil de a gente resolver.

Então, eu tomei uma decisão, de que é preciso a gente começar a fazer um processo de reparação. Porque, eu não sei quando é que vocês vieram morar no Ribeirão Arrudas, eu não sei quando é, se faz 20 anos ou 30 anos, mas o dado concreto é que a economia brasileira, a economia brasileira, (incompreensível) é exatamente os anos 80, Marcio, é exatamente o ano da estagnação econômica do país. Entre 1970 e 1990, ou quase até 2000, foram anos em que a economia brasileira não cresceu, a economia brasileira não gerava empregos, as pessoas ficavam desempregadas e as pessoas iam sendo empurradas para os lugares mais distantes da cidade.

São Paulo, em 70, tinha duas grandes favelas. Aqui, em Minas Gerais, [não] devia ter quase nenhuma favela. Aqueles morros do Rio de Janeiro que a gente vê, há 40 anos, eram fazendas, e que o povo foi ocupando porque não tinha emprego, não tinha salário, não tinha investimento em habitação, e o povo ia nascendo, a família ia crescendo, o povo do Nordeste ia para outros lugares e foi criando o inchaço das cidades brasileiras.

O que eu estou vendo aqui hoje, o que eu estou vendo aqui hoje é um processo extraordinário de reparação nas condições de vida da sociedade brasileira. Eu sei que a casinha ainda é pobre, mas, Nildeia, a primeira casa que eu comprei com a Marisa tinha 33 metros quadrados, era quase 15 metros menor do que a sua, e eu já tinha três filhos, já tinha três filhos. Ou seja, a minha casinha, quando a Marisa entrava no quarto, eu tinha que sair; quando a gente abria a porta da geladeira, tinha que tirar o fogão; quando a gente colocava televisão, a gente ficava de cara com a tela, quase nem enxergava, de tão apertado. Cada quarto era três por três. Era o máximo que a gente tinha.



Às vezes, era 2,80 metros por 3 metros. O banheiro, a gente entrava, para fechar a porta era uma desgraça, gente. Às vezes quase que a gente ficava entalado na porta do banheiro, porque ou saía ou não conseguia entrar.

Então, eu estou contando isso para vocês porque eu estou vendo que vocês estão com um sorriso na cara e eu quero dizer para vocês que a gente só vence na vida se a gente não se desesperar, se a gente não desacreditar, se a gente acreditar que é possível a gente vencer as coisas. Eu sei que muitos de vocês tinham dúvida se estas casas iam sair. Eu sei que muitos de vocês tinham dúvidas: “Será que vão sair as casas ou será que é mais uma promessa?”. Pois saíram as 160, saíram as 208 hoje e vão sair as 900 que estão no programa. Mais do que isso, mais do que isso: não vai ter mais enchente, porque nós vamos canalizar esse córrego, vamos canalizar todo o esgoto, vamos fazer tratamento para devolver o esgoto tratado como água limpa para correr nos rios de Minas Gerais.

É este país que nós precisamos construir e não permitir que o país continue a ser o que era há algum tempo atrás. E é por isso, companheira Maria Fernanda, que eu fico feliz quando você anuncia que a Caixa já contratou 625 mil casas do Programa Minha Casa, Minha Vida. O Programa Minha Casa, Minha Vida é um milagre, a gente não tinha hábito de fazer muita casa no Brasil, a gente fazia por volta de 200 mil casas por ano, duzentas e pouco, aí nós assumimos o desafio de fazer 1 milhão, nós percebemos, Secretário, Marília e Marcio, que a gente não tinha projeto para fazer, nem a Caixa estava preparada, nem os empresários estavam preparados, nem as prefeituras estavam preparadas, nem o governo federal estava preparado e nem os governos estaduais estavam preparados. A gente não tinha terreno, a gente não tinha projeto e a gente não estava habituado a construir casa para as pessoas que ganhavam de zero a três salários mínimos. Ninguém tinha esse hábito.



Pois bem, nós já contratamos 625 mil, se Deus quiser, até o final do ano, vamos contratar 1 milhão de casas, o que é um fato inédito na história deste país, e a partir do ano que vem, a partir do ano que vem, quem estiver governando o Brasil vai contratar 2 milhões de casas para as pessoas mais pobres deste país. Esse é um caso extremamente importante. É que o Brasil... Olha, o dado importante é que nós aprendemos, o dado importante é que os empresários aprenderam, hoje os empresários sabem. Muitos empresários tinham medo de mim, tinham medo de mim. Eles falavam: “Eu vou votar nesse barbudo? Esse barbudo vai tomar a minha fábrica”. Nunca ganharam o tanto de dinheiro que ganham no meu governo, nunca ganharam, nunca.

Esses dias eu fui a Ribeirão Preto, ganhei o título, Marcio, que eu jamais imaginei ganhar: o título de embaixador dos usineiros de Ribeirão Preto. Eu jamais imaginei ganhar. Ora, sabe por quê? Porque nós aprendemos a trabalhar. Esses companheiros que estão aqui, do movimento social – levanta aí –, esses companheiros, muitas vezes, não são compreendidos por prefeitos, não são compreendidos por governo dos estados, e, muitas vezes, não são compreendidos por gente do governo federal. Por que qual é o papel deles? O papel deles é organizar os pobres na periferia e cobrar dos governantes fazerem as coisas adequadas. E eles são testemunhas de que eles nunca abriram mão da autonomia deles, nunca. Nunca deixaram de criticar o meu governo, e nós nunca deixamos de conversar com eles. Aquilo que eles têm direito, eles têm direito; aquilo que eles não têm, a gente fala na cara deles como fala para um filho: “Não posso fazer”. E eles falam na minha cara como se estivessem falando para um filho: “Nós queremos mais”. Assim a gente estabeleceu uma relação com os empresários, com os trabalhadores, com o movimento, com os políticos.

Marcio, eu falo de coração aberto: eu duvido que tenha neste país um presidente que tenha dado o tratamento aos prefeitos que eu dei em oito anos de mandato. Antes de eu chegar à Presidência da República, presidente não



recebia prefeito. É verdade ou mentira, Marília? Presidente não recebia prefeito. Todo mês de março tem uma marcha de prefeitos, os presidentes colocavam a polícia e cachorro policial para não receber prefeito porque prefeito ia lá para pedir dinheiro. Eu não só recebo os prefeitos como tomam cafezinho, ainda, na minha sala toda vez que vão a Brasília, porque nós precisamos que os prefeitos sejam parceiros nossos.

Aqui, o que está acontecendo hoje é a consagração de uma coisa extraordinária: quando um presidente da República é imbecil, quando um governador é imbecil e quando um prefeito é imbecil e os três ficam brigando a troco de nada, quem perde é o povo deste país, do estado e da cidade. Quando o presidente, o governador e o prefeito resolvem trabalhar juntos, a gente vê o milagre, que é o resultado aqui do Residencial Parque dos Arrudas. Aquilo que era um lixo, um esgoto, virou motivo de orgulho para o povo de Minas, para o povo de Belo Horizonte, de Contagem e para o povo do Residencial Arrudas.

Por isso, companheiros e companheiras, a minha alegria imensa. A minha alegria de saber que eu cheguei à Presidência da República porque um dia vocês tiveram consciência política e não tiveram medo de votar em mim, porque um dia vocês acreditaram em vocês mesmos, e eu acho que essa é a grande coisa que eu vou deixar quando eu sair da Presidência da República. É que o povo trabalhador deste país, a classe média deste país e os pobres deste país aprenderam a pensar pela sua cabeça, a andar pelas suas pernas, a enxergar pelos seus olhos e a votarem pela sua consciência e não pelos pseudoformadores de opinião pública deste país. E é por isso que o Brasil está melhorando e é por isso que eu quero dar um grande beijo no coração de cada mulher e de cada homem aqui do Residencial Arrudas, de Minas Gerais e de Contagem.

Um abraço, gente, e até outro dia se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
